



## AÇÃO SOCIAL DOS BEBÊS, AS NARRATIVAS VISUAIS E A CONSTITUIÇÃO DA DOCÊNCIA

Daniele Marques Vieira<sup>1</sup>  
Angela Maria Scalabrin Coutinho<sup>2</sup>

### RESUMO

O artigo propõe uma dialogia entre a agência dos bebês e a captura pelo olhar fotográfico como indagação narrativa à constituição da docência na Educação Infantil. Parte de duas categorias temáticas centrais – e interligadas - de discussão: i) o bebê como ator social, conceito abordado desde narrativas visuais que revelam momentos de brincadeira com bonecas em situações de cuidado; e ii) a constituição da docência a partir do processo de observação e análise do vivido. Os registros analisados decorrem da reflexão da prática pedagógica em uma instituição de Educação Infantil em Curitiba. Compreendem-se os bebês, sujeitos de linguagem, ativos socialmente na constituição de sentidos sobre o outro, sobre si mesmos e sobre o mundo mediados por relações, e a docência, contornada por este encontro, como exercício de observação, interpretação e elaboração de sentidos sobre quem são e o que fazem no contexto educativo.

**Palavras-chave:** Bebês. Ação Social. Narrativas Visuais. Docência.

### BABY SOCIAL ACTION, VISUAL NARRATIVES AND CONSTITUTION OF TEACHING

### ABSTRACT

The article proposes a dialogue between the babies' agency and the capture through the photographic gaze as a narrative inquiry to the constitution of teaching in early childhood education. Part of two central - and interconnect - thematic categories of discussion: i) the baby as a social actor, a concept approached from visual narratives that reveal moments of playing with dolls in care situations; and ii) the constitution of teaching based on the process of observation and analysis of the lived experience. The records analyzed result from the reflection of the pedagogical practice in an early childhood education institution in Curitiba. The babies are understood as subjects of language, socially active in the constitution of meanings about the other, about themselves and the world mediated by relationships, and teaching, circumvented by this meeting, as observation exercise, interpretation, and elaboration of meanings about who are and what they do in the educational context.

**Keywords:** Babies. Social Action. Visual Narratives. Teaching.

### LA ACCIÓN SOCIAL DEL BEBÉ, NARRATIVAS VISUALES Y LA CONSTITUCIÓN DE LA ENSEÑANZA

### RESUMEN

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia, Mestre em História e Doutora em Educação. Pesquisadora integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Infância e Educação Infantil - NEPIE, da Universidade Federal do Paraná. E-mail: <[danielemarquesvieira@gmail.com](mailto:danielemarquesvieira@gmail.com)>. ORCID ID.: <https://orcid.org/0000-0001-6866-7053>

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Teoria e Prática de Ensino e da linha de Pesquisa Diversidade, diferença e desigualdade social em Educação. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil NEPIE/ UFPR. E-mail: <[angelamscoutinho@gmail.com](mailto:angelamscoutinho@gmail.com)>. ORCID ID.: <https://orcid.org/0000-0002-3709-8561>



El artículo propone un diálogo entre la agencia de los bebés y la captura a través de la mirada fotográfica como una investigación narrativa sobre la constitución de la enseñanza en la educación de la primera infancia. Parte de dos categorías temáticas centrales e interconectadas de discusión: i) el bebé como actor social, un concepto abordado a partir de narrativas visuales que revelan momentos de jugar con muñecas en situaciones de cuidado; y ii) la constitución de la enseñanza basada en el proceso de observación y análisis de la experiencia vivida. Los registros analizados son el resultado de la reflexión de la práctica pedagógica en una institución de educación infantil de Curitiba. Se entiende a los bebés como sujetos del lenguaje, socialmente activos en la constitución de significados sobre el otro, sobre sí mismos y sobre el mundo mediado por las relaciones, y la enseñanza, circundada por el encuentro, como ejercicio de observación, interpretación y elaboración de sentidos sobre quién son y lo que hacen en el contexto educativo.

**Palabras clave:** Bebés. Acción social. Narrativas visuales. Enseñanza.

## Introdução

Neste artigo propomos pensar a educação de bebês em contextos educativos, nos quais a vivência da infância efetiva-se na inter-relação de oportunidades construídas *da* e *na* cultura. Esta é entendida enquanto constructo pelo qual os sujeitos se constituem nas relações que estabelecem com o meio - material e humano – onde, de um lado se evidenciam as intencionalidades da prática educativa, e de outro lado se constroem pelas interações e agência das crianças, a própria cultura infantil (CORSARO, 2011).

Compreendemos que o bebê perscruta o mundo com o corpo, o gesto, conhece, apropria-se de suas características e efeitos por ser um sujeito iniciante nesse mundo. Ele também tem desejos, experimenta estratégias, reelabora o vivido e constrói significados, além de ressignificar a ação do outro pela possibilidade da reprodução interpretativa (CORSARO, 2011). Seu ativismo nos impele à reflexão sobre a pertinência e relevância da prática, cuja centralidade situa-se em sua agência.

O conceito do bebê como ator social, ou seja, como alguém que vive em sociedade e age orientado por outros agentes (AUTOR, 2019) nos convoca a problematizar as teorias que tratam a infância de modo universal e os bebês a partir da falta, daquilo que ainda não dominam e não pela sua potência. Estas perspectivas, identificadas em teorias desenvolvimentistas que preveem um percurso linear de desenvolvimento, marcado por estágios cronológicos e em teorias de socialização que apresentam a criança como ser passivo (PROUT; JAMES, 2010) têm forte incidência na visão de bebê que prevalece socialmente e, em especial, em contextos de educação coletiva.

Nesse sentido, consideramos profícua a investigação da experiência educativa, pela reflexividade que suscita dos saberes que a nutrem dia a dia, uma atitude de se voltar para o vivido da prática educativa e se perguntar sobre o sentido daquilo que se faz (CONTRERAS; PÉREZ, 2010; AUTOR, 2016). A tomada de consciência do que se faz e porque se faz atua em duas direções complementares: na reconstrução da concepção de criança (aqui destacamos a de bebê) e infância, e na constituição da ação docente na Educação Infantil, que é integrada às ações das crianças e famílias, de forma contextualizada, o que lhe atribui características específicas (SCHMITT, 2014).

Com isso, a produção de dados à análise proposta indicia a perspectiva dos bebês por ações capturadas em situações de brincadeira<sup>3</sup>, mediante a produção de narrativas visuais<sup>4</sup> construídas a partir da observação cotidiana (AUTOR, 2010; AUTOR, 2016) como dados da prática pedagógica, em uma instituição de Educação Infantil de Curitiba.

Denota-se que a fotografia tem se constituído importante meio de documentar o cotidiano de bebês, pela possibilidade de cristalizar momentos fugazes à percepção do adulto na dinâmica da creche, o que lhe permite voltar a eles em busca de restituir aspectos presentes na interação ocorrida e na relação implícita entre os sujeitos envolvidos. A observação de bebês, ainda que silenciosa, é marcada de uma responsividade, por vezes corporal, emocional e atitudinal, dada a consciência do outro, o bebê, por sua inteireza e particularidade (AUTOR; AUTOR, 2019). Também, implicado na documentação pela fotografia, o próprio adulto, visto pelo bebê na posição de quem está a fazer algo intrigante – a postura de captura que mira e clica –, acomete-se de percepções que marcam as escolhas das ações e das evidências a serem cristalizadas. Assim, mais do que decifrar os dados, a análise que se propõe consiste em provocar uma dialogia possível entre o percebido pelas professoras a partir da sua prática, ora registrado e compreendido como indício da agência dos bebês, a ser considerado em suas intervenções, e o que move a captura do olhar fotográfico pela indagação narrativa (CLANDININ; CONNELLY *apud* CONTRERAS, 2017). A própria é, portanto, imagem aparato de observação, fragmento do vivido que nos dá a pensar relações educativas decorrentes da experiência (AUTOR, 2018; 2019).

---

<sup>3</sup> Em instrumento elaborado e testado pelo coletivo de professoras e equipe pedagógica de uma instituição de Educação Infantil privada, situada em Curitiba, Paraná, Brasil, durante os anos de 2017 a 2019, que configurou parte do programa de formação continuada na referida instituição.

<sup>4</sup> As narrativas visuais constituem um constructo eleito para a pesquisa com bebês pelas pesquisadoras deste texto.

O texto está organizado em quatro partes. Na primeira é apresentado o objetivo e o tema é contextualizado. Na seção seguinte abordamos a ação social dos bebês a partir de uma perspectiva interdisciplinar e em relação com as narrativas visuais de momentos de brincadeira no berçário. Na seção três, a docência com os bebês entra em cena, a partir da compreensão que a observação e o registro são elementos centrais na prática pedagógica. Por fim, nas considerações para continuar pensando, sintetizamos aspectos que as reflexões tecidas ao longo do texto permitem identificar como centrais, e outros como pautas para próximas escritas.

### **Ação social dos bebês: a brincadeira de bonecas e a ressignificação do sentido de cuidado**

Os bebês são sujeitos imersos na cultura, sujeitos de linguagem. A linguagem tem lugar central no debate sobre a constituição humana, uma vez que assumimos que o que nos torna humanos é o fato de nos constituirmos a partir da interação com o outro. Essa interação obrigatoriamente passa pelos processos comunicativos que, no caso dos bebês, são marcados pelo gesto, olhar, choro, movimento, dentre tantas possibilidades personificadas no corpo.

A potência do bebê, manifesta nas suas múltiplas formas de se relacionar com o mundo, não ocorre de modo isolado ou instintivo; desde que nasce, o bebê constrói sentidos sobre o mundo, que se constituem a partir da alteridade. Pino (2005, p. 66) afirma que, “na medida em que as ações da criança vão recebendo a *significação* que lhe dá o Outro [...] ela vai incorporando a cultura que a constitui como um ser cultural, ou seja, um ser humano”.

Compreendemos que é relevante a tomada do processo de incorporação como não linear e unilateral, a presença do bebê na relação com o outro, seja este coetâneo ou não, também interfere na sua ação. Em outras palavras, há uma constituição que ocorre a partir do dialogismo, em que o bebê é produtor de cultura. Nesta perspectiva, mais do que determinar momentos ou estágios em que o bebê comunica ou produz algum sentido de modo mais complexo, importa considerar que desde que nasce ele constitui um repertório linguístico, expressivo e de conhecimentos, que é acionado nas suas interações e que deve ser tomado pelos adultos como referência para as vivências propostas e como elementos de aproximação ao *Outro* bebê.

A concepção de bebê como ator social reconhece que ele age socialmente orientado pela ação do(s) outro(s), ação marcada pela percepção de quem é o bebê, pela

estrutura social e pelas suas marcas de pertencimento de gênero, raça, classe social, o que exige vigilância da prática educativa em promover condições à sua expressividade. Nas instituições de Educação Infantil, essas marcas ganham contornos próprios, tendo em vista que, neste contexto, as crianças têm o privilégio de estar com outras crianças cotidianamente, mas o caráter rotinizado das instituições, por vezes, abrevia as possibilidades de as crianças viverem determinadas situações na interação com seus pares.

Nesse sentido, para agir socialmente, os bebês necessitam de tempo, espaço e a possibilidade de interação. Arendt (2014) aponta que a ação sem discurso não produz sentido. “É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano, e essa inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato simples do nosso aparecimento físico original” (ARENDR, 2014, p. 221). Ainda que a autora trate do discurso oral, é possível considerar que as ações dos bebês são atravessadas por discursos que se materializam por múltiplas formas, e que o cotidiano da creche pode ser, para os bebês, a possibilidade de que o novo se constitua a partir da relação com o outro, aspecto determinante no processo de tornar-se humano. Tendo em conta a perspectiva arendtiana, podemos pensar que o bebê, como iniciante no mundo, começa algo novo pela própria iniciativa, sob um agir que significa iniciar a partir de si, imprimir movimento a alguma coisa, e é isso que conforma a condição humana de pluralidade, quando o ser revela algo de si e manifesta em ação. Contudo, Arendt (2014) ressalva que a ação e o discurso ocorrem entre os homens, a eles se dirigem e, por meio dessa iniciativa, revelam-se agentes em relação mesmo às questões do mundo em que estão imersos e pelo qual nutrem interesses comuns, esse algo que se situa entre as pessoas – neste caso pensamos os bebês – pelo qual se relacionam e se mantêm juntas.

A maior parte da ação e do discurso diz respeito a esse espaço-entre [...], que varia de grupo para grupo de pessoas, de sorte que a maior parte das palavras e atos *refere-se* a alguma realidade objetiva mundana, além de ser um desvelamento do agente que atua e fala (ARENDR, 2014, p. 228, grifo da autora).

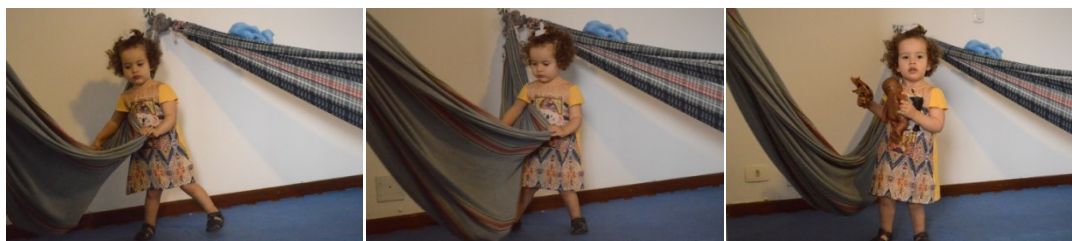
Sendo o bebê sujeito de linguagem, ainda que não utilize as palavras como signos para se comunicar, ao observá-los poderemos decifrar outras formas de linguagem pelas quais se expressam e manifestam a sua interpretação do discurso disponibilizado pelos outros sujeitos em suas relações, das quais retiram referências com as quais interagem e incidem sua ação e seu discurso. Acerca disso, Arendt (2014) enfatiza a ideia de espaço-entre como o

mundo das coisas em comum, que consiste na realidade vivida pelos sujeitos e que se constitui em uma *teia* de relações humanas. Assim, podemos pensar na responsabilidade da prática educativa ao propor, planejar e oferecer oportunidades aos bebês, desde a materialidade que dispõe à própria disponibilidade dos sujeitos-adultos na relação com os bebês.

Portanto, a vivência cotidiana em espaços que convidam à interação de bebês com elementos da cultura, pela possibilidade de escolha, exploração e atuação sobre a materialidade disponível, bem como a aproximação de pares com interesse comum, constituem possibilidades às apropriações e elaboração de sentidos manifestos pelos bebês. Isto mediante o que a prática educativa elege para apresentar como oportunidade e pelo modo como propicia que as interações ocorram, em uma relação de espaço e tempo condizentes.

A seguir, apresentamos sequências de narrativas visuais pelas quais podemos identificar ações e inter-relações possíveis às intencionalidades dos bebês em uma situação evidente de cuidado de bonecas, a qual sugere uma brincadeira entre pares.

#### SEQUÊNCIA 1: Embalar o neném na rede e cantar



FONTE: AUTOR (2018).

LEGENDA: Situação brincadeira, Sala da Turma, criança de 21 meses, Escola Parlenda.

As ações evidenciadas na Sequência 1 remetem ao vivido no cotidiano da turma de Clara<sup>5</sup>, pois a rede em que embala a boneca é utilizada para os próprios bebês em momentos de descanso e sono. Em suas ações, o corpo e o gesto enunciam, pelo balanço e a atenção sobre o repouso na rede, a intencionalidade de fazer o neném dormir. Torna-se visível, além da manipulação do elemento-brinquedo, uma corporeidade que se especializa pela movimentação complexa de fazer a rede balançar, o que implica coordenar um corpo que acompanha o balanço impingido à rede, enquanto o olhar acompanha atento. Ao final,

---

<sup>3</sup> Os nomes adotados para identificar os sujeitos-bebês são fictícios, conforme protocolo de privacidade e autorização de uso de imagem assinado pelos responsáveis.

Clara retira as bonecas da rede grande e dirige-se a um espaço preparado para a vivência compartilhada<sup>6</sup>.

SEQUÊNCIA 2: Fazer o neném dormir na redinha e cobrir o neném



FONTE: AUTOR (2018).

LEGENDA: Situação brincadeira, Sala da Turma, criança de 21 meses, Escola Parlenda.

Denota-se que a ambientação desse espaço na Sala de Referência (Sequência 2), com redinhas elaboradas especialmente para as bonecas, penduradas à altura dos bebês, além da variedade de bonecas e tecidos disponíveis, sugere relação com a ação em destaque na Sequência 1, em que aparece Clara utilizando a rede onde os próprios bebês dormem.

De outro lado, as ações instituintes da brincadeira (Sequência 3) compõem-se como saberes observados e compartilhados entre pares, que se dedicam a realizar um ritual conhecido, aprimorando o gesto.

---

<sup>6</sup> A vivência compartilhada consiste em ambientação preparada como um convite à interação, com elementos de interesse comum e que propicia a aproximação entre sujeitos. Neste caso, o ambiente favorece a brincadeira de bonecas.

SEQUÊNCIA 3: Aprender a cobrir o neném



FONTE: AUTOR (2018).

LEGENDA: Situação brincadeira, Sala da Turma, crianças de 22 e 21 meses, Escola Parlanda.

Na Sequência 3, Clara observa Ana estender um tecido e cobrir o neném, detém-se no próprio tecido para esticar, sobrepor, acomodar, enquanto Ana observa suas ações. Então, volta-se novamente à sua boneca e retoma seu ritual, acarinha, nina, acolhe. Os gestos e ações que compõem repertórios de cuidado compartilhados remetem a rituais vividos e significados corporalmente, para serem ressignificados pela intencionalidade explicitada na brincadeira.

Corsaro (2011) aborda o conceito de reprodução interpretativa, no qual destaca os aspectos inovadores e criativos da participação das crianças na sociedade, e a ideia de que



embora estejam restritas pelas estruturas e reproduções sociais, elas não se limitam a internalizar a sociedade e a cultura, e enlevam o papel das rotinas culturais. Para o autor, a possibilidade de viver habitualmente algumas situações e interações fornece às crianças segurança e a compreensão que pertencem a um grupo social.

A partir desta premissa, Ferreira (2004) referencia a importância das interações, tendo em vista que objetos, pessoas e acontecimentos não têm sentido por si só, senão significados a partir das relações entre atores sociais. Quando se trata da produção de culturas de pares, toma as crianças como produtoras ativas de seu mundo, capazes de elaborar uma ordem social infantil, ou seja, uma ordem instituinte, que se põe em relação com uma ordem instituída adulta, tanto para atuar nela como para se afirmarem diante dela.

A sequência 3 permite observar os elementos apresentados pelos autores quando identificamos que, na partilha em situações cotidianas coletivas, os bebês estruturam as suas culturas de pares. Importa destacar que a interação entre eles não ocorre em um vazio material e simbólico, mas em um espaço-tempo organizado pelas professoras que, a partir da compreensão da competência social dos bebês, aposta que o contexto provocará ações compartilhadas de brincadeira, que promovam a produção de culturas e a ampliação de repertórios.

#### SEQUÊNCIA 4: Enrolar o neném, ninar e cantar



FONTE: AUTOR (2018).

LEGENDA: Situação brincadeira, Sala da Turma, criança de 21 meses, Escola Parlenda.

Nessa Sequência 4, as mãos de Clara, assertivas no gesto de conter, tocar, assegurar o acolhimento, remetem à segurança, como uma presença vivida e reiterada pela sua representação, compondo esse seu repertório de cuidado a expressão de uma canção entoada e, na aproximação da boneca ao corpo que acolhe, o afeto.

As ações de Clara, na interação com o espaço e objetos por meio do cuidado, revela o quanto os processos imaginativos das crianças demandam bases e são provocados por repertórios materiais e simbólicos. Como observado nas sequências anteriores, a menina tem a oportunidade de articular saberes e vivências a partir de situações que implicam os próprios bebês, em situações de cuidado e que são oferecidas intencionalmente pelos adultos criando o que Godall (2016) denomina *entorno óptimo*. A autora, baseada nos estudos de Emmi Pikler, destaca que sua teoria “se fundamenta em leis que estruturam o ser como um organismo vivo e em relação com seu meio, com capacidade de auto organizar-se e de tomar decisões sobre seu próprio desenvolvimento” (GODALL, 2016, p. 80). Portanto, é pertinente à prática educativa a observação dos bebês em seu movimento livre para propor uma ambiência favorável à sua autonomia e interesses, para realizar a escolha sobre a materialidade condizente com suas demandas e necessidades.

Com esta ideia da atuação inter-relacionada da prática educativa e das iniciativas dos bebês como um diálogo mediado pela percepção dos adultos sobre as linguagens inerentes a eles, ao voltarmos para as narrativas visuais, as cenas e situações representadas permitem-nos, ainda, problematizar a ideia de que os bebês não brincam de faz de conta, não imaginam enquanto não utilizam de modo recorrente a linguagem oral. Os gestos de Clara nas suas ações individuais e na relação com Ana e com os objetos remetem para um processo de constituição do imaginário e de vivência de faz de conta que recorrem a experiências cotidianas. Nessa perspectiva, é interessante considerar o afirma Vigotskii (1996, p. 12), que as crianças

Não se limitam em seus jogos a recordar experiências vividas, senão que as reelaboram criativamente, combinando-as entre si e edificando com elas novas realidades de acordo com suas inclinações e necessidades. [...] Esta faculdade [...] de combinar o antigo com o novo, assenta as bases da criação.

Assim, mais do que questionar se os bebês imaginam e brincam de faz-de-conta, importa considerar que desde que nascem eles são sujeitos de cultura, que agem socialmente em relação com os demais sujeitos, objetos e situações, e que têm o direito de encontrar contextos que promovam esse processo imaginativo. Nesse campo de possibilidades, reconhecer que sua manifestação pelo corpo tem lugar central também nos coloca outro desafio: como nos aproximamos dos sujeitos bebês com uma postura de quem se dispõe a conhecê-los a partir do que os constitui e não pela falta? Como construir um olhar disponível para essa relação com os bebês que apresente balizas para a docência?

### **A docência com bebês a partir do olhar fotográfico que interroga o olhar que observa, registra e intervém**

As sequências apresentadas pelas narrativas visuais constituem-se na captura do olhar fotográfico mobilizado pelas interações, que ocorrem nesse contexto permeado de relações implicadas pelos sujeitos e pelas materialidades disponíveis, e convidam a indagações narrativas plausíveis às professoras, uma vez que revelam indícios da prática educativa presente. Isto ocorre pela evidência de aspectos que denotam a concepção de bebê ativo e competente que, por meio de suas ações, exerce sua autonomia na escolha dos elementos de interação, na sua movimentação e ao exercer um repertório comum de cuidado explícito nos gestos que as imagens revelam.

Em relação à prática educativa, especialmente a atitude do adulto em compreender o bebê em sua agência, requer garantir condições e oportunidade para ele transitar, eleger a ação, manipular e ressignificar o uso das materialidades disponíveis. É o que podemos observar na Sequência 1, situação que remete a pensarmos que a representação da rede, por uma similar em tamanho menor, conforme visualizamos na Sequência 2, indica a incidência de percepções das professoras do Berçário mediante observação do cotidiano pelo reconhecimento do interesse manifesto pelos bebês nas brincadeiras de cuidado do neném.

Assim, a prática educativa veste-se de sentidos que buscam diálogo com a agência dos bebês, ao ambientar uma situação educativa similar ao vivido com materialidades propostas que sugerem possibilidades interativas. Tal prática é observada na Sequência 3, quando visualizamos duas bebês atuando com as bonecas, os panos e a redinha, em uma postura que lhes é familiar e parece confortável, sentadas no chão, em um ambiente que

permite sua movimentação livre. Isto nos parece precisamente o que a prática educativa pode oferecer como condição às relações entre pares e que, entre bebês, conforme a Sequência 3 nos permite interpretar, se revela pela observação do *outro*, compartilhamento de espaço, possibilidade de ação conjunta.

Acompanhando Clara, que se mostra interessada por fazer o neném dormir, após compartilhar gestos e saberes com a sua parceira, na Sequência 4, suas ações demonstram habilidades apreendidas, cujo corpo que se modela por uma intencionalidade declarada – brincar com bonecas – reveste-se da corporeidade observada e vivida, traduzindo um modo da cultura que nos remete ao repertório de cuidado de bebês. O pano que envolve, as mãos assertivas, o abraço acolhendo e trazendo para si, em uma envoltura de afeto à presença, são indícios do que delinea essa relação tão íntima e cotidiana do cuidado, e nos move a pensar na qualidade da prática educativa e suas incidências, percebidas e reinterpretadas pelos bebês.

Ao relacionarmos possibilidades às percepções das professoras de Berçário em momentos de observação da brincadeira e uma situação representada por meio de narrativa visual da brincadeira de bonecas entre pares de bebês, buscamos, na aproximação das perspectivas de adultos sensibilizados à escuta e de bebês como seres ativos e expressivos em suas intencionalidades, a construção de interpretações possíveis que nos conduzam a uma qualidade reflexiva sobre as relações educativas implicadas no contexto em foco.

As narrativas visuais apresentadas pelas sequências delineadas como indagação narrativa denotam a construção de saberes entre bebês em um contexto educativo, que nos remete e revela situações de brincadeira, as quais exigem problematização que transcenda a ideia das condições elaboradas de interação, como a comunicação por meio da fala. Em estudos de Alessi e Garanhani (2019) sobre os bebês e suas linguagens, as autoras reconhecem a complexidade da linguagem oral, assim como das outras formas de comunicação que utilizam, anteriores a ela.

Tendo em vista que o bebê precisa se fazer entender diante do outro para ter suas necessidades e vontades atendidas e que algumas vezes essa leitura não corresponde à real intenção, temos uma comunicação que consideramos complexa e desafiante: construir uma relação dialógica com os bebês mesmo quando estes ainda não utilizam a oralidade (ALESSI; GARANHANI, 2019, p. 23-24)

Outros estudos com bebês demonstram a atividade desses sujeitos pelo movimento livre, como repertório inicial à constituição das primeiras formas de interação que imprimem características lúdicas nas ações do bebê pelo que lhes despertam, como "prazer em tocar, sentir, apertar, pegar e deixar cair objetos" (KALLÓ; BALOG, 2017, p. 17). A apropriação de gestos pelo bebê configura a brincadeira no primeiro ano de vida, o que se evidencia em suas interações tanto em momentos de exploração de objetos como em circunstâncias de vivência coletiva. Por vezes, tais gestos remetem aos repertórios conduzidos pelos adultos em ações de cuidado. Na medida em que dominam mais sua movimentação, os bebês vão conquistando aspectos que qualificam sua autonomia frente ao mundo, ao seu entorno e às relações com outros sujeitos, e então aprimoram os gestos complexificando as ações, ressignificadas desde uma intencionalidade que as mobiliza em situações indiciais da brincadeira.

Os bebês sabem muitas coisas que nós culturalmente não conseguimos ainda ver e compreender e, portanto, reconhecer como um saber. As suas formas de interpretar, significar e comunicar emergem do corpo e acontecem através dos gestos, dos olhares, dos sorrisos, dos choros, enquanto movimentos expressivos e comunicativos anteriores à linguagem verbal e que constituem, simultâneos à criação do campo da confiança, os primeiros canais de interação com o mundo e os outros, permanecendo em nós – em nosso corpo – e no modo como estabelecemos nossas relações sociais (RICHTER; BARBOSA, 2010, p. 87).

Nas interações dos bebês, podemos observar elementos que os vinculam nos processos vividos, às ações que dominam e se especializam, quando a capacidade de movimentação se aprimora pela habilidade de andar e o repertório de ações, que antes estava mais alinhado ao plano do chão. Na condição de caminhante, esse bebê diferencia seu modo de estar no mundo pela possibilidade de investir em seus interesses de conhecer e realizar aquilo que observa diariamente, de uma outra perspectiva.

Podemos pensar que a condição que o bebê conquista como caminhante favorece o seu deslocamento no espaço e, mediante o equilíbrio de se deter ereto, as mãos tornam-se livres para manipular e, ao mesmo tempo, exercer gestos com destinação prevista pela experiência vivida. Alcançar o objeto de desejo e imprimir-lhe significados constitui, concomitantemente, capacidade e competência humana de movimentação à realização de

uma função observada que cumpre o desejo por algo conhecido. Portanto, é simbólico, uma vez que não seja a ação vivida pelo próprio sujeito, mas sua enunciação mediada pelo gesto.

Considerando a experiência educativa com bebês, como o constructo que permite à prática pedagógica pensar os saberes necessários à proposição de situações educativas pertinentes a estes sujeitos no contexto educativo, parece pertinente compreender a observação como método para conhecer e também evidenciar os processos vividos. Por meio de tais processos pode-se construir narrativas que contribuam à reflexividade da experiência, pois “a experiência de investigar a partir da observação, baseada na experiência, em um saber fazer, um saber ver, nos ajuda a saber reconhecer o já vivido” (GODALL, 2016, p. 88).

Alicerçada na observação, a prática educativa provê sua intencionalidade de elementos constituídos na ação do outro, pela captura que acolhe o que salta, ressoa, transborda.

A prática educativa se alimenta da observação e a alimenta com os dados observados, como um ciclo de influências recíprocas, quanto mais percebe a pertinência da ação educativa enquanto intencionalidade declarada, por envolver os sujeitos-bebês-crianças pequenas a desejar, expressar, agir, em meio a provocações, desafios, curiosidades, pela persistência em dominar algo, aprofundar saberes, elaborar uma ideia ou projeto, construindo seus próprios parâmetros (MORO; AUTOR, 2019, p. 205-206).

Contudo, a fim de construir diálogos efetivos, necessita desvestir-se do já visto e previsto para deixar-se tomar pelo ainda não visto, o inusitado, a novidade, a iniciativa, o gesto que se aprimora e domina algo para tornar possível a intenção que o desejo mobiliza no bebê.

Isto remete ao entendimento da instituição educativa como lugar do coletivo, onde a criança terá a oportunidade de viver a experiência da aprendizagem na relação com pares de mesma idade, crianças maiores ou adultos, e consigo própria, mas sempre em contextos compartilhados. Em tais contextos, as ações de outrem podem ser observadas, acompanhadas e servir de referência para as próprias ações.

Conviver entre pares e também entre crianças com diferentes idades intensifica possibilidades de encontros, de exploração do mundo e compreensão de outros pontos de vista. Não é a idade que determina saberes e conhecimentos a serem apreendidos. É do percurso histórico da experiência no mundo e com o mundo, na temporalidade das interações com as coisas e com os outros, que emerge a compreensão de distintos mundos (BARBOSA; RICHTER, 2015, p. 192).

O valor da experiência de bebês pode estar mais nas relações que estabelecem, constituem e reconstituem ao revistar situações cotidianas, em que possam se remeter ao vivido, seja para rever, reviver, aprender, ou ressignificar desde seu ponto de vista construído como percurso, também pela amplitude que o outro lhe oferece como perspectiva e que agrega como saber compartilhado.

Tendo em conta que aquilo que a prática educativa oferece no cotidiano constitui as condições objetivas para a criança interagir e construir relações, podemos pensar que esta oferta consiste exatamente no currículo da Educação Infantil. Portanto, parece fundamental à reflexão sobre o pensamento pedagógico e às ações que guiam a educação de crianças pequenas, desde os bebês, problematizar a prática pelo sentido educativo que suas escolhas dão a pensar. Para isto, propõem-se diálogos narrativos, em que se implicam a reflexividade da prática como experiência educativa na produção de narrativas visuais. Isto a partir da observação de situações educativas relacionadas à constituição da brincadeira, explicitada por modos recorrentes e percebidos nas interações e relações entre pares, os quais denotam ações das crianças como saberes construídos nessas circunstâncias.

A essa proposta poderíamos atribuir o sentido de uma didática do trabalho pedagógico com os bebês, que passa invariavelmente pela constituição do olhar sobre o bebê, as relações que estabelece, os saberes e fazeres que empreende no seu cotidiano. Bondioli (2007, p. 5) afirma que “a observação é acima de tudo uma prática, antes ainda que uma técnica ou um método de pesquisa. Uma prática com a finalidade de conhecer e avaliar, que se desenvolve cotidianamente [...]”. Corroboramos a perspectiva adotada pela pesquisadora e entendemos que o refinamento do olhar, que incide nas escolhas de organização do cotidiano educativo, passa pelo exercício da observação, ou seja, aprende a observar observando.

Neste sentido, a observação tem em si dupla finalidade: conhecer as crianças para acolhê-las nas suas múltiplas formas de estar no mundo e formar-se professora no encontro com as crianças, por meio da observação, interpretação e construção de teorias. Quando apontamos esses elementos não os entendemos como passos de um percurso linear, mas como dimensões que devem ser asseguradas no processo de observação.

Entender a observação como encontro recupera a perspectiva de que toda observação é diálogo, que o olhar adulto incide na ação dos bebês e também eles afetam os adultos, que podem identificar essa dialogia durante o processo de observação e registro. Por

vezes, no momento da interpretação do observado, há um ganho possível, principalmente quando lançamos mão das narrativas visuais, visto que permitem retomar as situações observadas quantas vezes necessário for, e utilizando diferentes lentes de análise.

As sequências apresentadas neste texto permitem refletir sobre um conjunto de questões de ordem teórico-metodológica, sobre as concepções de bebês e brincadeira, sobre a ação docente que torna o contexto de vida desses bebês rico em possibilidades, sobre a beleza dos gestos, interações, toques, olhares. Mas elas só nos chegam porque um adulto atento, sensível, com um olhar orientado por perspectivas teóricas que reconhecem cada detalhe da experiência do bebê como importante as captou, porque a partir delas podemos pensar outras experiências e outras práticas pedagógicas. A observação é isto, experiência que transcende o momento vivido e o cristaliza em registros, que ganham vida a cada novo olhar, a cada nova interpretação e desdobramento.

### **Considerações para continuar pensando**

Finalizamos este texto sem concluir, mas irradiando questionamentos para continuar pensando e problematizando a prática educativa com bebês. Assim, pensar uma didática para a Educação Infantil é assumir que esta etapa estrutura-se por intencionalidades relativas aos sujeitos implicados nela. Especialmente aos bebês, como sujeitos de linguagens, podemos pensar uma perspectiva pedagógica em que se enfatize a ambientação do espaço, as materialidades e as relações como elementos inter-relacionados dessa didática, mediante os princípios da igualdade – que nos identifica como humanos –, da diferença – que nos qualifica culturalmente –, e da autonomia – que nos favorece a expressividade e a revelação de si pela potência e capacidade que emergem nas interações sociais.

Assumir essa perspectiva coaduna com o movimento iniciado por Rocha quando, em sua tese de 1999, problematizou a função da didática e como esta dialoga com a Educação Infantil. Para a pesquisadora, uma concepção de didática restrita ao processo de ensino-aprendizagem traz limitações para a área da Educação Infantil, mas em uma perspectiva como a anunciada por Magda Soares, que é de subsidiar “o professor a compreender a ‘ação pedagógica no contexto escolar’ e não apenas restrito ao processo ensino-aprendizagem” (*apud* ROCHA, 2000, p. 5). Isto nos ajuda a avançar na delimitação das especificidades da prática pedagógica na Educação Infantil e, ainda mais especificamente, com os bebês.



Entendemos, pelas reflexões tecidas no texto, que essa especificidade está demarcada por dois elementos centrais: i) os sujeitos para/com os quais as ações pedagógicas se voltam, e é onde se situam as suas características, sujeitos potentes que se iniciam no desafio de se relacionar com e no mundo, a partir das suas linguagens; e ii) as relações, empreendidas todos os dias nos contextos institucionais e que são foco de consideração cuidadosa quando são observadas, registradas e analisadas. Esse processo, além de permitir compreender as relações, constitui-se como meio de estabelecimento de relações, já que permite um constante exercício de alteridade e de relação com o outro, em que aquele que é observado e o que observa são afetados.

Importante dimensão da docência, a observação coloca-se como esse elo que permite adultos e crianças se reconhecerem e, em especial, às professoras desvendarem e se sentirem cada vez mais envolvidas pelo enigma da infância. Isto porque, como afirma Larrosa (1998), a infância é o outro dos nossos saberes, está sempre muito além das nossas tentativas de captura e questiona o poder das nossas práticas. Essa ideia de infância é importante para suspender as nossas certezas e nos posicionar no lugar de quem aprende ao observar as crianças, e se compromete com o oferecimento de um mundo sempre melhor a elas.

Nesse sentido, outras questões emergem das reflexões apresentadas, pois os discursos que produzimos sobre as crianças estão assentados em perspectivas que ora se aproximam, ora se distanciam ao considerá-las. O esforço de uma abordagem interdisciplinar empreendido no texto nos convoca a indicar temáticas que merecem ser retomadas, e destacamos duas que a teorização a partir das narrativas visuais nos provocou a pensar: as conquistas e a autonomia dos bebês.

Estes são temas de fronteira, que transitam em várias áreas, como muitos que tangenciam as crianças e a infância, e constituem o cotidiano relacional com os bebês. Tendo em vista que a autonomia é um tema de preocupação central na prática pedagógica e nos projetos pedagógicos das instituições de Educação Infantil, e as conquistas das crianças no dia a dia provocam as professoras a pensar sobre quais marcas são singulares, é preciso considerar esses aspectos ao se organizar espaços, tempos, propostas e promover relações. Também é preciso ter em conta o grupo de crianças com os quais atuam, que referentes teóricos contribuem para reconhecer e intervir nas demandas expressas pelos bebês e que urgem ser enfrentadas. É nesse sentido que entendemos a relevância de assumirmos o

compromisso de continuar pensando sobre essas questões e produzir conhecimentos que reconheçam e valorizem os saberes da prática.

## Referências

ALESSI, V. M.; GARANHANI, M. C. **Bakhtin, Wallon e as linguagens dos bebês**. Curitiba: Ed. UFPR, 2019.

ARENDT, H. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo, revisão técnica: Adriano Correia. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

BARBOSA, M. C. S.; RICHTER, S. Campos de Experiência: uma possibilidade para interrogar o currículo. In: FINCO, D.; BARBOSA, M. C. S.; FARIA, A. L. G. **Campos de experiências na escola da infância: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro**. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2015, p. 185-198.

BONDIOLI, A. Introduzione. L'osservazione nella ricerca e nella formazione in campo educativo: il problema del "punto di vista". In: BONDIOLI, A. (a cura di). **L'osservazione in campo educativo**. Azzano San Paolo: Edizione Junior, 2007, p. 5-20.

CONTRERAS, J. D.; PÉREZ, N. L. F. (comps.). **Investigar la experiencia educativa**. Madrid: Ediciones Morata, 2010.

CONTRERAS, J. D. (Coord.). **Enseñar tejiendo relaciones**. Madrid: Ediciones Morata, 2017.

CORSARO, William. **Sociologia da Infância**. Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. Porto Alegre: Artmed, 2011.

AUTOR. A ação social dos bebês a partir da teoria compreensiva de Max Weber. In: TEBET, Gabriela (org.). **Estudos de bebês e diálogos com a sociologia**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019, p. 49-63.

AUTOR; AUTOR. As narrativas visuais na educação infantil: diálogos entre pesquisa, formação docente e experiência educativa. In: DORNELLES, Leni Vieira; LIMA, Patrícia de Moraes (Orgs.). **Por uma luta em defesa dos direitos das crianças: corpo e cultura** [livro eletrônico]. Vol. I. Goiânia: Editora Vieira, 2019, p. 495-506.

\_\_\_\_\_. **A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche**. Tese (Doutorado em Estudos da Criança). Braga: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2010.

FERREIRA, M. Do "avesso" do brincar ou... as relações entre pares, as rotinas da cultura infantil e a construção da(s) ordem(ens) social(ais) instituinte(s) das crianças no jardim-de-infância. In: SARMENTO, Manuel J.; CERISARA, Ana B. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: ASA Edições, 2004, p. 55-104.

GODALL, Teresa. Movimiento libre y entornos óptimos: reflexiones a partir de un estudio con bebés. **RELADEI**, Monográfico Pikler Lőczy, vol. 5.3, Septiembre, 2016, p. 79-90. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/399550771/Pikler-Loczy-numero-RELADEI-pdf>. Acesso em: 02 out. 2019.

KÁLLÓ, É.; BALOG, G. **As origens do brincar livre**. São Paulo: Omnisciência, 2017.

LARROSA, J. O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: LARROSA, Jorge; LARA, Nuria P. **Imagens do Outro**. Petrópoles: Editora Vozes, 1998, p. 67-86.

PINO, A. **As marcas do humano**: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo, SP: Cortez, 2005.

PROUT, A.; JAMES, A. Introduction e A New Paradigm for the Sociology of Childhood? Provenance, promise and problems. 2. ed. In: JAMES, Allison; PROUT, Alan. **Constructing and Reconstructing Childhood**. London and New York: Routledge, 2010, p. 1-33.

RICHTER, S.; BARBOSA, M. C. S. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. **Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 85-96, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/1605/900>. Acesso em: 30 ago 2019.

ROCHA, E. A. C. A pedagogia e a educação infantil. In: **Revista Iberoamericana**, n. 22, jan.-abr. 2000, p. 1-8.

SCHMITT, R. V. **As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas**: contornos da ação docente. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

AUTOR. **Imagens da experiência educativa de professores da educação infantil no espaço-ambiente do Proinfância**. 2016. 228 f. Tese (Doutorado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

AUTOR. Imagens benjaminianas para pensar relações entre infância, educação de crianças pequenas e natureza. **Revista Contrapontos**. Itajaí, out/dez, v. 18, n. 4, p. 374-389, 2018. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/13221>. Acesso em: 12 set. 2019.

AUTOR. A fotografia na experiência educativa de professores: do olhar e das interpretações. **Educ. rev.** [online]. 2019, vol.35, n.74, p.309-327. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.63667>. Acesso em: 28 set. 2019.

AUTOR; MORO, Catarina Souza. Observar para escutar e compreender: outro modo de pensar a avaliação da criança na educação infantil. In: **Apropriações teóricas e suas implicações na educação infantil**. 1. ed., v.1, Londrina, Paraná: CRV, 2019, p. 201-215. VIGOTSKII, L. S. (1996). **La imaginación y el arte en la infancia**. (Ensayo psicológico). 3. ed. Madrid: Anzós.

**RECEBIDO 15 DE OUTUBRO DE 2019.**

**APROVADO 06 DE NOVEMBRO DE 2019.**